

SUPLEMENTO

ARQUEOLOGIA

Unidades agrárias da freguesia de St.º Estêvão de Barrosas (Lousada). Parte I: Casa do Carmo

Manuel Nunes*
Paulo Lemos**

À semelhança do que se verifica um pouco por toda região de Lousada, também a freguesia de St.º Estêvão de Barrosas conserva importantes traços de ruralidade vinculados pela presença de um conjunto assinalável de antigas unidades agrárias. A perceção da sua origem e evolução histórica, bem como a análise arquitetónica e tipológica, ademais de uma aproximação à evolução do povoamento e das relações socioeconómicas da comunidade onde se inserem, possibilitam a conceção de um quadro de referências arquitetónicas, epigráficas e de tecnologias construtivas que importa documentar. Deste modo, o presente artigo dá início a uma sequência de textos dedicados a diversas estruturas agrárias da freguesia de St.º Estêvão de Barrosas inventariadas entre 2014 e 2015.



* Arqueólogo | manuel.nunes@cm-lousada.pt ** Arqueólogo | paplemos@gmail.com

UNIDADES AGRÁRIAS DE ST.º ESTÊVÃO DE BARROSAS

Durante os trabalhos de campo do projeto *Inventário Patrimonial da Freguesia de St.º Estêvão de Barrosas* (Lemos, no prelo) foram identificados 15 sítios do tipo *Unidade Agrária*¹. Destes, avaliado o interesse patrimonial, foram arroladas cinco estruturas individuais (casas ou quintas) e quatro núcleos rurais (integrando duas ou mais estruturas habitacionais e respetivas dependências).

No seu conjunto, e apesar de uma certa unidade tipológica, a casa rural de St.º Estêvão de Barrosas evidencia uma arquitetura feita de soluções que se adaptaram ao contexto natural tanto quanto à realidade histórico-cultural de cada lugar. De facto, se existe um padrão comum a todas estas casas, ou quintas arroladas, é a sua diversidade. O pátio interior (o *quinteiro*) quase sempre em «U», apresenta-se, na maioria das vezes, fechado pelo prolongamento das paredes laterais da própria estrutura habitacional. Na organização dos espaços, a casa tanto é sobrada, com o andar destinado à habitação e o térreo ao gado e às



Figura 2. Pormenor de duas tipologias de aparelho (Casa do Carmo) onde o granito e a corneana marcam épocas e tecnologias distintas de construção.

arrumações, como é térrea ficando a habitação a ladear as dependências que se distribuem ao redor do *quinteiro* que hoje, raramente, é em terra. Embora a maioria das casas possua um aparelho misto ou, quando indefinido, apenas com os cunhais e os umbrais em cantaria, em alguns casos, raros, o aparelho é em perpianho, às vezes à vista, outras rebocado e pintado. As fachadas, que raramente são cegas, ostentam, quase sempre aberturas ao nível do andar, quando este existe. Por vezes, a renovação das fachadas ditou a sua abertura ao exterior, rasgando novas janelas e portas onde antes corriam paredes nuas. Nos materiais, o granito é a litologia preponderante. A corneana, embora presente, raramente domina. O xisto é escasso, mas pontua os aparelhos mais irregulares. A telha, agora que a velha *caleira* quase desapareceu, é sempre *marselhesa*. Igualmente raras são as armações em madeira dos telhados, desde que vigas de cimento passaram a substituir os caibros de carvalho e os materiais estranhos à arquitetura popular, como o cimento, os blocos, o alumínio e os zínco, se fizeram usuais nesta, como em outras regiões do concelho (Nunes e Lemos, 2013:97).

Por fim, os portais. A maioria é quadrangular. Alguns são de alpendre outros de coberto, constituindo estes, em alguns casos, o prolongamento lateral do telhado de duas águas que envolve o *quinteiro* e serve de arrumação para as alfaías. Outros, ainda, são abertos diretamente na fachada da casa (portais de fachada) e estão sob o andar, constituindo passagens inferiores que comunicam diretamente entre o caminho e o *quinteiro*. Nos

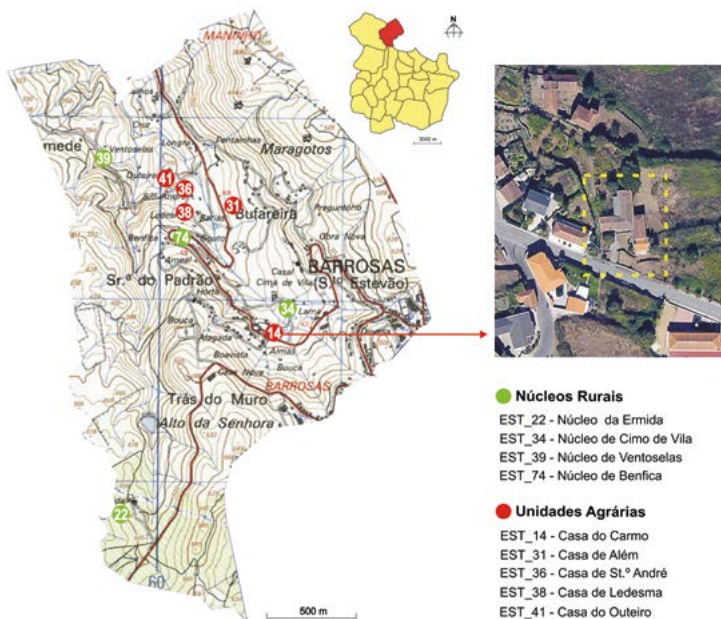


Figura 1. Localização das Unidades Agrárias e Núcleos Rurais identificados em St.º Estêvão de Barrosas. Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Folha 99. IGEOE.

¹ Por unidade [de exploração] agrária entendem-se as casas rurais enquadráveis no modelo de casa-bloco, tanto térreo como de andar, definido por Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano (1998), para a denominada Zona atlântica.

Cód. Inv.	Designação	Tipo de portal	Inscrição
EST14	Casa do Carmo	Quadrangular (portal de alpendre)	1701*
EST22	Núcleo rural da Ermida	Quadrangular	1700 e 1717
EST31	Casa de Além	Quadrangular	1777
EST34	Núcleo rural de Cimo de Vila	Quadrangular (portal de fachada)	1734*
EST36	Casa de Santo André	---	---
EST38	Casa de Ledesma	---	---
EST39	Núcleo rural de Ventoselas	---	---
EST41	Casa do Outeiro	Quadrangular	1751
EST74	Núcleo rural de Benfica	---	1807*

portais quadrangulares são frequentes as padieiras que ostentam inscrições memorativas, às vezes inseridas em cartelas lisas ou medalhões floreados. Datas evocativas de reformas, mais ou menos profundas ou, mesmo, edificações de raiz, estes elementos constituem, no conjunto, dados valiosos sobre o contexto histórico que determinou cada uma destas construções. No caso de St.º Estêvão de Barrosas verifica-se que 86% das epígrafes memorativas identificadas (n=6) nos remete para o século XVIII (1700 a 1777), enquanto apenas 14% (n=1) se reporta ao século XIX (1807). De um total de nove unidades agrárias/núcleos rurais inventariados, 33% (n=3) permanece sem referência cronológica identificada. Estes dados sugerem, claramente, um período áureo de edificação na freguesia, possivelmente relacionado com um movimento de expansão económica associado, por um lado, ao alargamento da área cultivada e, por outro, à aquisição das velhas terras de cultivo pelas famílias de ricos foreiros que dela agora faziam abastança, mas sobretudo ostentação e dignificação social (Nunes e Lemos, 2013:98).



Figura 3. Vista geral da fachada da Casa do Carmo, claramente dominada pelo portal nobre encimado pelo brasão de família.

Tabela 1. Caracterização dos portais e respetivas datas memorativas presentes nas Unidades Agrárias e Núcleos Rurais de St.º Estêvão de Barrosas.

* Incrições que, não tendo sido gravadas nos portais (quando existentes), foram identificadas em padieiras de portas, colunas ou ombreiras das respetivas habitações.

A CASA DO CARMO (CÓD. INV. EST_14)

A propósito da origem dos Pachecos da Casa do Carmo, Abílio Pacheco de Carvalho (1985:233) refere-se a Baltasar Ferreira de Melo, casado com Maria Pacheco Marinho a 17.7.1689, como *Fidalgo de Cota de Armas, Sr. da Quinta e Casa do Carmo, cujo edifício ampliou, onde se ostenta o seu brasão de Ferreiras e Melos e edificou também junto à Casa a Capela da invocação de N. Sr.ª do Carmo, que deu o nome à Casa da qual foi seu primeiro administrador dotando-a com algumas terras de cultivo para a sua «fábrica», sita no lugar da Venda (Sto. Estêvão de Barrosas), foreiro ao Convento de Caramos (Felgueiras)*. A designação de Casa do Carmo ou Casa da Capela do Carmo é posterior a 1734, data em que Baltasar Ferreira de Melo conclui a construção da capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo, cujo orago acabou por ser adotado para a designação da unidade agrária que, antes dessa data, integrava a quinta do Casal, situada no lugar da Venda, com a denominação de *O Casal*² (ADB_Registo de provisão...livro 166, fl.191; Carvalho, 1985:215).

Nas Memórias Paroquiais de 1758, a Casa do Carmo surge descrita nos seguintes termos: *Tem esta freguesia huma caza chamada do Carmo, sita no lugar do Carmo, que consta de boa galaria em sua varanda de colunas de pedra, e seu pátio com suas ameias, no qual está a ermida de Nossa Senhora do Carmo*³ (...) *cuja caza e er-*

² A primeira referência ao casal denominado *O Casal* remonta a 1482, quando Joane Anes, Senhor do casal de Ventoselas o comprou. Na segunda metade do século XVII, depois de um último prazo (25.3.1677), *O Casal* será desmembrado entre herdeiros e compradores, entre os quais Baltasar Ferreira de Melo (Carvalho, 1985:211-215; Lopes,2004:180-181).

³ Baltasar Ferreira de Melo instituiu o vínculo de capela de N. Sr.ª do Carmo, por seu testamento de 8.1.1750, em que diz: *Declaro que tenho mais- nesta freguesia huns bens de erdade os quais se acham já dotados para a fábrica desta minha capela de N. Sr.ª. do Carmo de que sou administrador, cuja administração deixo nomeada a meu filho o Padre Luís Ferreira de Melo a quem recomendo todo, o bom zello da dita capela, e ainda todas as mais Erdades que se acham esta freguesia* (Carvalho, 1985:234).



Figura 5. Brasão de Armas passado por D. João V a Baltasar Ferreira de Melo (Nóbrega, 1959:287).

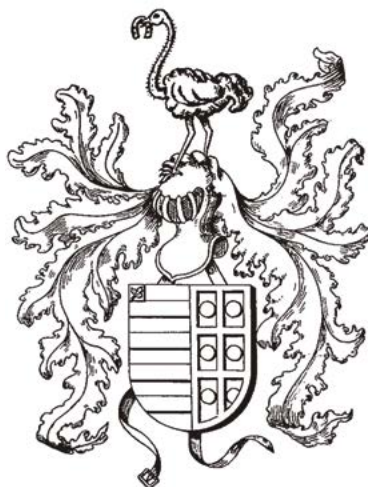


Figura 4. Galeria de colunas de pedra voltada para o interior do quinteiro murado da Casa do Carmo.

mida foi de Baltazar Ferreira de Mello, morador que foi na mesma caza, e hoje pessue seus descendentes, que tem seu brazão, que consta ser da família dos Ferreiras de Mello, no qual brazão vi fazer graça e mersê o Senhor Rei Dom João Quinto, ao ditto Baltazar Ferreira e Mello, e a todos os seus descendentos, que gozariam de todas as honras, privilégios, liberdades, graças, izençoens e franqueza que hão e deve, haver os Fidalgos de Solar e de antiga Linhagem, cujo brazão se acha registado no Cartório dos Brazões da Nobreza de Portugal, no livro nono e folhas cincoenta e cinco (Capela, 2009:299-300).

A Casa do Carmo (41°19'46.8" / 08°16'37.5") apresenta, ainda hoje, vestígios significativos desta descrição do memorialista, designadamente a galeria de colunas de pedra voltada para o interior de um *quinteiro* em terra, murado, que abre para a Calçada do Carmo (Nunes *et al*, 2008:193) através de um portal de serviço, alto, reto e telhado. Na frontaria da casa, adossado ao frontão triangular que encima um portal nobre, de moldura reta saliente e friso decorado, encontra-se, de igual modo, o brasão de armas (Ferreira e Melo) mandado esculpir e colocar por Bal-



Figura 6. Aspeto da Calçada do Carmo (acesso à casa) no final dos anos 90 do século XX.

tasar Ferreira de Melo na sequência da atribuição da Carta de Brasão de Armas⁴ mandada passar a 3 de outubro de 1740 por D. João V (Nóbrega, 1959:285-291).

Estruturalmente, a Casa do Carmo desenvolve-se numa planta em «L» entre o rés-do-chão térreo, destinado à *oficina de lavou-ra* (arrecadação, lagar, cortes de gado, etc.), e o andar sobrado, destinado à residência. O aparelho, em perpianho de granito, foi rebocado e pintado e ostenta pequenas aberturas nas paredes do andar térreo (postigos) e um apreciável número de janelas com vidraças rasgadas ao nível do andar, quer no alçado frontal, quer nas fachadas interiores. Em data indeterminada, foi adossado ao limite nascente do edifício um corpo retangular, erigido exclusivamente em corneana, destinado a ampliar o espaço habitacional da casa. No exterior da casa, em frente à Capela e voltada à *velha estrada que vem de Guimarães e próxima à que vai para a cidade do Porto, por donde passa continuamente muito povo* (ADB_Registo de provisão...livro 166, fl.191), foi construído, igualmente, um pequeno oratório sob a forma de Alminhas (Al-

⁴ Pela Carta de Brasão de Armas mandada passar a Baltasar Ferreira de Melo e, mais tarde pela genealogia produzida por Zulmira Melo (1961:283) sabemos que *este procede e vem da dita Geração e Linhagem dos ditos Ferreiras e Mellos; como filho legítimo de Manoel Ferreira de Mello, neto de Lopo Ferreira de Mello moradores que foram na dita quinta [do Carmo] e freguesia [St.º Estêvão de Barrosas] (Melo, 1961:277-318).*



Figura 7. Capela do Carmo (perspetiva poente)



Figura 8. Alminhas do Carmo (perspetiva sul).



Figura 9. Composição gráfica representando a porta da cozinha da Casa do Carmo e desenho da respetiva padieira com identificação da inscrição memorativa.

minhas do Carmo) que ainda hoje persiste e congrega a devoção popular

Na padieira da porta da cozinha, localizada no andar sobrado da ala nordeste da casa à qual se acede através de uma escadaria reta, sem guardas, que desemboca no patamar que alberga a galeria coberta de colunas, encontra-se uma epígrafe memorativa cuja leitura – ERA 1701 – nos remete, possivelmente, para as obras de ampliação da casa que decorreram já depois do casamento de Baltasar Ferreira de Melo com Maria Pacheco Marinho, a 17.7.1689 (Carvalho, 1985:233). Esta epígrafe, composta por caracteres alfabéticos capitulares e numerais árabes, tem como particularidade o facto do algarismo relativo às unidades «1» representado pelo carater cursivo «i», corresponder, efetivamente, ao algarismo «7» invertido. Curiosamente, na sequência da data surge um segundo algarismo «7» invertido, simbolizando um «i» cursivo, claramente um acrescento posterior.

Bibliografia

- ADB_ Arquivo Distrital de Braga. *Registo de provisão e mais requerimentos em favor de Baltasar Ferreira de Melo da freguesia de Santo Estêvão para erigir uma capela*. Livro 166, fol. 191-193v
 CAPELA, V.J.; MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2009) - *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paraquiais de 1758*. Braga.
 CARVALHO, A.P. (1985) - *Pachecos, Subsídios para a sua Genealogia*. Lisboa.
 LEMOS, P. (No prelo) - *Inventário do Património da Freguesia de Santo Estêvão de Barrosas*. União de Freguesias de Lustosa e Barrosas, Santo Estêvão. Lousada.
 LOPES, E.T. (2004) - *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: CML.
 MELO, Z. (1961) - A Casa das Agrad e suas alianças. In *O Distrito de Braga, Boletim Cultural de Etnografia e História da Junta Distrital de Braga*. Braga. Ano 1. Fasc. 3-4, p.277-318.
 NÓBREGA, Vaz-Osório (1959) - *Pedras de Armas do Concelho de Lousada (Heráldica de Família)*. Porto: Junta da Província do Douro Litoral.
 NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) - *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: CML.
 NUNES, M. e LEMOS, P. (2013) - *Lustosa, Património e Identidade*. Lustosa: JF de Lustosa.
 OLIVEIRA, E.V. e GALHANO, F. (1998) - *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.